

## Ficção especulativa escrita por mulheres afrodescendentes: uma análise de “Greedy Choke Puppy”, de Nalo Hopkison

Fernanda Sousa Carvalho<sup>1</sup> (UFMG)

### Resumo:

*Este trabalho discute a apropriação criativa da ficção especulativa por escritoras negras contemporâneas para a discussão de questões de sexualidade e raça, usando como exemplo o conto “Greedy Choke Puppy”, da jamaicana-canadense Nalo Hopkinson. Nesse conto, a autora traz elementos do folclore caribenho para a realidade das personagens, apresentando o insólito como uma alternativa para uma vida de repressão. Argumenta-se aqui que ideologias liberais sobre as questões de sexualidade e raça estão refletidas na caracterização do insólito e de figuras sobrenaturais na ficção especulativa escrita por mulheres negras na contemporaneidade. Obras como a de Hopkinson subvertem ideologias tradicionais sobre essas questões e oferecem pontos de vista alternativos sobre elas.*

**Palavras-chave:** ficção especulativa, sexualidade, raça.

## 1 Introdução

Os gêneros literários que exploram o imaginário humano têm se mostrado ferramentas cada vez mais produtivas para representar e criticar uma realidade em constante mudança, apresentando modos alternativos de vida. Para abordar esse tipo de obra, cunhou-se o termo “ficção especulativa” (*speculative fiction*, em inglês), que abarca gêneros como a ficção científica e as literaturas de fantasia, gótica e de horror. Embora geralmente considerado um gênero escrito por autores brancos (THALER, 2010, p. 2), seu uso por escritoras negras contemporâneas têm chamado a atenção pelas particularidades de sua apropriação criativa para a discussão de questões de sexualidade e raça.

Este trabalho discute tal apropriação, usando como exemplo o conto “Greedy Choke Puppy”, de Nalo Hopkinson. Através do uso de uma representação insólita do corpo feminino, esse conto oferece pontos de vista alternativos sobre a sexualidade feminina e a raça negra, subvertendo ideologias tradicionais sobre elas.

A fim de demonstrar tal argumento, este trabalho começa por definir o termo ficção especulativa e as bases de sua apropriação por autoras negras contemporâneas. Em seguida, apresenta-se uma breve revisão teórica sobre o corpo e suas representações em termos de sexualidade e raça para então se proceder à análise do conto.

## 2 Ficção especulativa de mulheres afrodescendentes

O termo ficção especulativa engloba gêneros que especulam sobre condições e mundos alternativos e fictícios. Ingrid Thaler esclarece (2010, p. 2) que esse tipo de ficção subverte deliberada e explicitamente noções miméticas de uma representação realista. Outros autores têm chamado atenção para o fato de que a ficção especulativa tem sido uma ferramenta útil para escritoras afrodescendentes discutirem questões como as de gênero e raça (ALMEIDA: 2009; ANATOL: 2004; WHISKER: 2005).

Gina Wisker afirma que “através [de um] foco duplo sobre recuperar e revisar, reconhecendo a influência do espiritual e do sobrenatural no cotidiano”, escritoras afrodescendentes têm “escolhido explorar questões de raça e sexualidade, usando uma rica mistura de história – o factual,

realismo – e mágica, especificamente as fórmulas de horror e de ficção especulativa”<sup>1</sup> (2005, p. 72-73, tradução minha).

Como argumenta Bárbara Smith, “políticas sexuais e raciais e as identidades negra e feminina são elementos inextricáveis na escrita de mulheres negras” (2001, p. 2307, tradução nossa).<sup>2</sup> De acordo com a autora, “livros de mulheres negras sobre mulheres negras” apresentam “as atividades femininas negras tradicionais do trabalho com raízes, plantas medicinais, conjurações e o trabalho de parteira na construção de suas próprias histórias” (SMITH, 2001, p. 2307-2308, tradução minha).<sup>3</sup> De forma semelhante, Gina Wisker afirma que mulheres afrodescendentes têm desenvolvido uma forma própria de ficção especulativa:

Obras de horror de mulheres afro-americanas e afro-canadenses como uma forma híbrida expressa e dramatiza crucialmente os medos originados e localizados de mulheres negras, questiona a abjeção histórica de pessoas negras e mulheres em particular, reescreve a história e o presente, revisa e reinscreve. Depois, ela se projeta em futuros potencialmente positivos onde a destrutividade de estruturas opostas, a hipocrisia, a falsidade, a opressão e assim por diante, expostas por estratégias do horror Gótico, podem ser exorcizadas e um futuro visionado em que a presença restritiva delas pode ser erradicada. (2005, p. 74, tradução minha)<sup>4</sup>

Em outras palavras, ao reescrever suas experiências culturais e sociais como indivíduos duplamente marginalizados (como negras e como mulheres) em sociedades falocêntricas e eurocêntricas através do poder desestabilizador da ficção especulativa, essas escritoras criticam e abalam as bases do racismo e do sexismo.

Para analisar como o conto “Greedy Choke Puppy”, de Nalo Hopkinson, discute essas questões através de representação de um corpo feminino insólito, considerem-se primeiramente as teorias sobre o corpo e sua relação com o gênero e a sexualidade.

### **3 O corpo**

Em teorias sobre gênero e sexualidade, o corpo é um ponto fundamental na argumentação sobre a o caráter de construção das noções de gênero e sexualidade questões. Michel Foucault (1990, p. 107) afirma que a noção de sexualidade é construída e controlada pelos discursos que visam examinar e explicar o corpo sexualizado de um indivíduo. De forma semelhante, Judith Butler (2006, p. 140) postula que o corpo é estilizado por normas e práticas sexuais e de gênero, mas aponta questões problemáticas dentro dessa noção:

A distinção sexo/gênero e a própria categoria de sexo parecem pressupor uma generalização do “corpo” que preexiste a aquisição de sua significação sexual. O “corpo” frequentemente parece ser um meio passivo que é significado por uma inscrição de uma fonte cultural simbolizada como externa àquele corpo. Qualquer teoria do corpo culturalmente construído, entretanto, deveria questionar “o corpo” como um construto de generalidade suspeita quando ele figura como passivo e

---

<sup>1</sup> “Through this dual focus on recuperating and revisioning, recognizing the influence of the spiritual and the supernatural in the everyday [Afro-descendant writers have] chosen to explore issues of race and sexuality, using a rich mixture of history—the factual, realism—and magic, specifically the formulae of horror and of speculative fiction.

<sup>2</sup> Sexual and racial politics and Black and female identity are inextricable elements in Black women’s writings.

<sup>3</sup> Books by Black women about Black women [present] the traditional Black female activities of root-working, herbal medicine, conjure, and midwifery into the fabric of their stories.

<sup>4</sup> African-American and Afro-Caribbean women’s horror as a hybrid form crucially exposes and dramatizes Black women’s originated and located fears, questions the historical abjection of Black people and women in particular, rewrites history and the present, reviews, and reinscribes. Next, it projects forward into potentially positive futures where the destructiveness of oppositional structures, hypocrisy, deceit, oppression, and so on, exposed by Gothic horror strategies, can be exorcized and a future envisioned in which their restrictive presence might be eradicated.

prévio ao discurso.<sup>5</sup> (BUTLER, 2006, p. 129, tradução minha).

Dessa forma, segundo a autora, ao considerar o corpo como um construto cultural deve-se evitar generalizações sobre sua configuração e sobre a forma como ela se dá. Para Butler, é de extrema importância que se entenda como tal construção ocorre, já que ela varia histórica e culturalmente.

Pensar o corpo como construído requer repensar o próprio significado de construção. E se certas construções parecem constitutivas, ou seja, tem esse caráter de ser aquilo “sem o qual” não poderíamos sequer pensar, poderíamos sugerir que corpos somente aparecem, somente duram, somente vivem dentro das restrições produtivas de certos esquemas regulatórios altamente gendrados.<sup>6</sup> (BUTLER, 1993, p.xi, tradução minha).

Tais restrições ou limites constitutivos, segundo a autora, produzem não só corpos inteligíveis (que têm importância e significado social e culturalmente reconhecidos), mas também corpos ininteligíveis, abjetos, os quais são excluídos.

A prática regulatória que produz e governa os corpos é, segundo Butler (1993, p. 1), o sexo. Trata-se de um construto ideal que se materializa (ou falha em se materializar, no caso dos corpos ininteligíveis) através de certas práticas altamente reguladas. O sexo tem, assim, o poder de demarcar, circular, diferenciar os corpos que controla.

A noção de performatividade definida por Butler também é fundamental para se entender o aspecto de construção cultural do corpo. Segundo a autora, a performatividade é sempre uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas que esconde ou dissimula as convenções das quais é uma repetição, na medida em que assume o status parecido com o de um ato no presente (BUTLER, 1993, p. 13). Através dela o corpo sexuado é formado, confeccionado, circulado e significado. A performance da heterossexualidade, então, “opera para circunscrever e contornar a ‘materialidade’ do sexo, e essa ‘materialidade’ é formada e mantida através e como uma materialização das normas regulatórias que são em parte aquelas da hegemonia heterossexual”<sup>7</sup> (BUTLER, 1993, p. 15, tradução minha). Como a demarcação da materialidade do sexo se dá pelo discurso, ela também produz sexos deslegitimados e excluídos.

Essa noção de corpo como construção argumentada por autores como Foucault e Butler se mostra, dessa forma, produtiva para se analisar as representações de corpos gendrados na literatura. Tais representações podem informar sobre os mecanismos de construção de corpos gendrados e sexuais no contexto histórico cultural no qual certa obra se insere pela própria análise do que é considerado um corpo inteligível e o que não é.

Mais especificamente sobre o corpo feminino, é importante notar sua tradicional caracterização como material, objeto, ininteligível. Segundo Judith Butler (2006, p. 12), tradicionalmente e culturalmente associa-se a mente à masculinidade e o corpo e à feminilidade. Como é atribuída uma superioridade da mente sobre o corpo, dessa associação resulta uma hierarquização de gêneros, pela qual o masculino é superior e, portanto, domina o feminino.

---

<sup>5</sup> The sex/gender distinction and the category of sex itself appear to presuppose a generalization of “the body” that preexists the acquisition of its sexed significance. This ‘body’ often appears to be a passive medium that is signified by an inscription from a cultural source figured as ‘external’ to that body. Any theory of the culturally constructed body, however, ought to question ‘the body’ as a construct of suspect generality when it figures as passive and prior to discourse.

<sup>6</sup> Thinking the body as constructed demands a rethinking of the meaning of construction itself. And if certain constructions appear constitutive, that is, have this character of being that “without which” we could not think at all, we might suggest that bodies only appear, only endure, only live within the productive constraints of certain highly gendered regulatory schemas.

<sup>7</sup> The regime of heterosexuality operates to circumscribe and contour the “materiality” of sex, and that “materiality” is formed and sustained through and as a materialization of regulatory norms that are in part those of heterosexual hegemony.

Embora teorias como a de Butler têm refutado essa divisão binária, questionando o caráter de natural, biologicamente predeterminado e apontando o caráter de construto social do gênero, a idéia de que o corpo da mulher é inferior e portanto passível de controle ainda é recorrente.

Butler afirma que “a associação clássica da feminilidade com a materialidade pode ser traçada a um grupo de etimologias que liga a matéria com *mater* e *matrix* (ou o útero) e, portanto, com a problemática da reprodução”<sup>8</sup> (1993, p. 31). A maternidade é instituída como compulsória para as mulheres: “a lei claramente paternal que sanciona e requer que o corpo feminino seja caracterizado primariamente em termos de sua função reprodutiva é inscrito naquele corpo como uma lei de sua necessidade natural” (BUTLER, 2006, p. 92-93, tradução minha). À medida que não se adequa a essa função reprodutiva, portanto, o corpo da mulher é caracterizado como inteligível. No entanto, mesmo se adequando, continua sendo inferiorizado em relação à masculinidade, considerado como algo que transcende a materialidade do corpo.

A noção de abjeto desenvolvida por Julia Kristeva também pode ser usada para explicar essa ideia de inferiorização, ininteligibilidade do corpo feminino. Segundo a autora, o abjeto é como os fluídos corporais que são expelidos do corpo num processo necessário pra seu funcionamento adequado (KRISTEVA, 1982, p. 3-4). Uma vez que o que é expelido é algo sujo, impróprio, e uma vez que não é parte do “eu”, o abjeto causa repulsa. Mas ao mesmo tempo essa coisa imprópria causa atração, já que incita a noção que o indivíduo tem sobre a estabilidade de seu próprio corpo. O abjeto oferece um tipo de prazer pelo qual o indivíduo é inconscientemente atraído, mas essa atração se transforma em repugnância quando o indivíduo falha em se identificar em relação ao abjeto. Como a noção de abjeto enquanto algo expelido do corpo que precisa de um funcionamento adequado se estende a organismos sociais que são expulsos de uma sociedade que requer estabilidade, a abjeção se estende a questões de gênero e sexualidade, além da própria questão da raça (KRISTEVA, 1982, p. 9). Os próprios mecanismos biológicos que difere o corpo da mulher daquele do homem são fontes de abjeção, segundo a autora, como a menstruação e a maternidade.

Kristeva associa a primeira experiência de abjeção com a separação da criança do corpo de sua mãe, num argumento baseado nas considerações de Freud e Lacan de que a individualização do sujeito requer uma ruptura com o universo da mãe e uma identificação com o pai. O abjeto resulta da repressão da atração do indivíduo pelos prazeres oferecidos pelo corpo materno (KRISTEVA, 1982, p. 12). Uma vez o objeto de desejo do indivíduo, o corpo materno é considerado abjeto, repulsivo, pela ameaça que representa para a construção da subjetividade do indivíduo como separada daquela de sua mãe.

Considerando, então, esse potencial de alteridade e abjeção da construção do corpo, o conto de Nalo Hopkinson é analisado a seguir.

#### **4 O conto “Greedy Chooke Puppy”**

Nalo Hopkinson é uma escritora jamaicana-canadense que tem sido considerada uma voz proeminente na escrita de mulheres negras contemporâneas por sua re-escrita feminista do folclore afro-caribenho (ALMEIDA, 2009, p. 183; WISKER, 2005, p.72). Em seus trabalhos de ficção especulativa, ela apresenta o sobrenatural com base em estórias da tradição religiosa afrocaribenha. No conto aqui analisado, Hopkinson trata de elementos do folclore caribenho dentro da vida cotidiana, como objeto de estudo acadêmico e como metáfora para papéis femininos.

No conto “Greedy choke puppy”, Jacky, uma pesquisadora de trinta e dois anos de idade que

---

<sup>8</sup> The classical association of femininity with materiality can be traced to a set of etymologies which link matter with *mater* and *matrix* (or the womb) and, hence, with a problematic of reproduction.

<sup>9</sup> The clearly paternal law that sanctions and requires the female body to be characterized primarily in terms of its reproductive function is inscribed on that body as the law of its natural necessity.

estuda o folclore caribenho, descobre que ela própria é uma figura folclórica, uma *soucouyant*, assim como sua avó e sua mãe.

A estória começa com a avó de Jacky, chamada simplesmente de Granny no conto, dizendo ter visto um *Lagahoo* na noite passada enquanto trança os cabelos de sua neta, como faz ritualmente todas as tardes. *Lagahoo* é equivalente em crioulo francês para lobisomem em Trinidad, onde a estória se passa. A neta ri da avó que afirma que ver essa criatura quer dizer que alguém vai morrer.

Pela conversa entre avó e neta, o leitor descobre que Jacky está desenvolvendo uma tese sobre a influência do folclore caribenho no cotidiano da população. Jackie tenta explicar para sua avó que em sua tese ela argumenta que uma personagem folclórica, *La Diablese*, a mulher diabo (muito bonita, mas com dentes pontiagudos e patas de bode), só aparece para homens porque representa medos masculinos da sexualidade feminina (HOPKINSON, 2001, p. 169). A avó não dá atenção a essas ideias, mas quando a neta a agradece por trançar seus cabelos – “*Thank you, Granny. What I would do without you to help me make myself pretty for the gentlemen eh?*” – ela responde, preocupada: “*Never you mind all that. You just mind your studies. It have plenty of time to catch man*” (p. 170). Em sua experiência de avó que sabe o que quer dizer ver um *Lagahoo*, ela só se preocupa com a ansiedade da neta em encontrar um marido e formar uma família e com sua insatisfação com o fato de estar envelhecendo, o que fica mais claro ao longo do conto. Essa diferença entre a interpretação pela experiência cultural e pela pesquisa acadêmica é um ponto central no texto para considerações sobre as implicações da representação do corpo feminino.

As considerações aqui levantadas seguem divididas em três partes: a idealização do corpo feminino como objeto de desejo para os homens; a libertação do corpo limitado através da transformação no corpo insólito da *soucouyant*; e a violência contra o corpo feminino.

#### **4.1. Idealização do corpo feminino: objeto de desejo para os homens.**

Um ideal de corpo feminino no conto pode ser percebido nas Jacky:

*I was younger them times there, and sweet for so, you see? Sweet like julie mango, with two ripe tot-tot on the front of my body and two ripe maami-apple behind. I only had was to walk down the street, twitching that maami-apple behind, and all the boys-them on the street corner would watch at me like them was starving, and I was food.* (HOPKINSON, 2001, p. 170)

Aqui, as metáforas para o corpo da mulher com referência a frutas maduras e suculentas remetem à ideia de função sexual e reprodutiva do corpo feminino, como objeto de desejo para os homens. O uso do dialeto de Trinidad, com vocabulário regional no discurso que constrói o corpo feminino ideal pode levar a considerar esse ideal como também regional, tradicional na comunidade de Trinidad. No entanto, os conselhos da avó e a conversa com a amiga Carmem apontam que não compartilham esse interesse de Jacky em buscar tal ideal, que nesse caso pode então ser entendido como externo à comunidade caribenha.

Nessa mesma passagem do conto, Jacky se mostra preocupada com e as inevitáveis mudanças no seu corpo com o tempo, corpo esse que já não atrai tanto a atenção dos homens:

*But I get to find out that when you pass you prime, and you ain't catch no man eye, nothing ain't left for you but to get old and dry-up like cane leaf in the fire. Is just so I was feeling that night. Like something wither-up. Like something that once used to drink in the feel of the sun on it skin, but now it dead and dry, and the sun only drying it out more.* (HOPKINSON, 2001, p. 170)

O ideal de corpo feminino com o qual Jacky se identifica requer juventude. Ao perceber o envelhecimento inevitável e com ele a perda do apelo sexual, ela se sente frustrada. As metáforas usadas se opõem àquelas de frutas suculentas: folhas secas, murchas, no fogo ou ao sol, que simbolizam esterilidade. Essa caracterização remete à ideia de corpo ininteligível de Butler, que não materializa a função da reprodução e matéria originativa tradicionalmente associada ao corpo da

mulher. Remete ainda à ideia de abjeto: as folhas secas são descartadas como o resto da planta morta, assim como o corpo velho será expelido da existência quando cadáver – o nível máximo da abjeção, segundo Kristeva (1982, p.3-4).

Esse corpo feminino em processo de envelhecimento é então, visto como prisão por Jacky, como algo que impede sua liberdade: “*The skin only confining me. I could feel it getting old, binding me up inside it. Sometimes I does just feel to take it off and never put it back again, oui?*” (HOPKINSON, 2001, p. 177). Mas o corpo ideal que ela almeja manter também pode ser entendido como confinamento, uma vez que exposto ao envelhecimento e estilizado (nos termos de Butler) por normas e práticas socialmente impostas que visam reproduzir a noção de que à mulher cabe a função de reprodução.

A sensação de confinamento é tanta para Jacky que é nesse momento, com o desejo de se libertar da prisão do corpo, que ela descobre que é ela mesma uma das figuras folclóricas que ela pesquisa, uma *soucouyant*:

*And the feeling make a burning in me belly, and the burning spread out to my skin, till I couldn't take it no more. I jump up from my little bed just so in the middle of the night, and snatch off my nightie. And when I do so, my skin come with it, and drop off on the floor. Inside my skin I was just one big ball of fire, and Lord, the night air feel nice and cool on the flame! I know then I was a soucouyant, a hag-woman. I know what I had was to do. When your youth start to leave you, you have to steal more from somebody who still have plenty. I fly out the window and start to search, search for a newborn baby. (HOPKINSON, 2001, p. 177)*

Esse tipo de corpo feminino insólito em que Jacky se transforma representa uma possibilidade de escape da norma, uma ininteligibilidade libertária, como discutido a seguir.

#### **4.2. A transformação em *soucouyant***

Conforme explicitado dentro do próprio conto, em uma das passagens que parece reproduzir o periódico literário sobre folclore caribenho que Jacky estuda para sua tese, a *soucouyant* é o equivalente caribenho do mito do vampiro. Como Giselle Liza Anatol demonstra, *soucouyants*, mulheres demoníacas que vivem disfarçadas na comunidade durante o dia e sugam o sangue de bebês à noite, podem representar tanto a liberdade sexual quanto tendências anti-maternais maléficas (2004, p. 38-39). Mais do que uma liberdade desejável de uma agência feminina, a *soucouyant* simboliza um uso egoísta e maléfico dessa liberdade que acaba por abalar a estabilidade da comunidade. Essa figura resulta de uma demonização de mulheres anti-maternais na cultura afrocaribenha (ANATOL, 2004, p.41) e a predação sobre vítimas inocentes relaciona às ideias de anti-maternidade e uso desencaminhado da agência feminina.

Uma passagem do conto que parece ter sido tirada do periódico literário que Jacky pesquisa dá uma explicação antropológica para o surgimento da lenda da *soucouyant*:

*Childbirth was once a risky thing for both mother and child. Even when they both survived the birth process, there were many unknown infectious diseases to which newborns were susceptible. Oliphant theorizes that the soucouyant lore was created in an attempt to explain infant deaths that would have seemed mysterious in more primitive times. Grieving parents could blame their loss on people who wished them ill. Women tend to live longer life spans than men, but in an even more superstitious age where life was hard and brief, old women in a community could seem sinister. It must have been easy to believe that the women were using sorcerous means to prolong their lives, and how better to do that than to steal the lifeblood of those who were very young? (HOPKINSON, 2001, p. 178)*

Tal explicação racional científica é desmentida pela realidade dentro do conto, já que a transformação de Jacky prova que *soucouyants* realmente existem, não são mera criação supersticiosa popular para explicar o que não se podia explicar antigamente. A figura insólita da

*soucouyant* pode ser considerada como alternativa para o confinamento do corpo feminino, uma possibilidade de mulheres exercerem uma certa agência ao invés de seguirem seu papel de objetos de desejo sexual e reprodutoras. Assim sendo, a tentativa de racionalizar essa possibilidade de agência feminina criada pelo imaginário popular poderia ser interpretada como mais uma forma pela qual o discurso hegemônico sobre a sexualidade e o gênero tenta controlar os corpos dos indivíduos. Ao inverter a situação e fazer com que folclore refute ciência, Hopkinson parece apresentar um comentário sobre como as particularidades das culturas caribenhas têm sido mal-interpretadas por estudos acadêmicos que tendem a generalizar, a aplicar linhas de raciocínio e teorias válidas na cultura branca eurocêntrica a todas as outras culturas.

Um ponto importante para se considerar as implicações da figura da *soucouyant* no conto é o sangue, que ele tem simbolismos diferentes e contraditórios nesse caso. Pode ser entendido como fonte da vida e juventude (o sangue dos bebês que as *soucouyants* sugam), como portador de características ancestrais transmitidas a gerações futuras através da prática “natural” da heterossexualidade (o sangue quente [hot blood] de *soucouyant* que as mulheres da família de Jacky compartilham), ou ainda como meio de poluição, contaminação e morte (pela própria noção de abjeção do sangue fluído corporal expelido e da *soucouyant* que o suga).

Além do hábito de se alimentar do sangue alheio, o potencial de abjeção da *soucouyant* é aumentado de ela não possuir limites, fronteiras corporais: uma bola de fogo, sem pele, sem corpo que a restrinja para torná-la passível de controle. O corpo insólito dessa criatura é caracterizado, portanto, pela falta de corpo e ela representa uma forma de feminilidade nociva à integridade de sua comunidade. Como aponta Giselle Liza Anatol, a transformação do corpo feminino em *soucouyant* pode representar tanto a liberdade sexual quanto tendências anti-maternais maléficas (2004, p. 38-39). Mais do que uma liberdade desejável de uma agência feminina, a *soucouyant* simboliza um uso egoísta e maléfico dessa liberdade que acaba por abalar a estabilidade da comunidade. Conforme já explicitado aqui, embora essa figura resulte de uma demonização de mulheres anti-maternais pela cultura afrocaribenha (ANATOL, 2004, p.41), pode-se dizer que no romance de Hopkinson ela apresenta um tipo específico de agência que está relacionado a mulheres naquela cultura.

A recuperação de tradições afrocaribenhas, seja pela lembrança do que foi ensinado pelas avós, seja por pesquisa acadêmica, ajuda as mulheres na estória a entender melhor quem elas são e, conseqüentemente, qual é seu papel na comunidade. Jacky se descobre detentora de certo tipo de poder, mas, assim como sua mãe e diferente de sua avó, não aprende que usar propriamente esse poder não é tão simples. Dessa falha em aprender a usar essa agência apropriadamente resulta uma violência contra o corpo feminino no texto.

#### **4.3. A violência contra o corpo feminino**

Tal violência é exercida pela avó contra o corpo da filha e da neta. Ao longo do texto descobre-se que a mãe de Jacky, que teria morrido carbonizada num acidente de carro, foi na verdade morta por Granny por não ter conseguido controlar sua avareza. A visão do Lagahoo é o que avisa a avó que uma morte necessária se aproxima e ela entende que cabe a ela a função de punir seus “greedy puppies”, os filhotes que acabam por engasgar devido a sua voracidade ao comer.

Como explicitado em outra reprodução do trecho do periódico acadêmico sobre o folclore caribenho, o que mata uma *soucouyant* é sua exposição a luz do sol. Para tanto, é preciso impedir que ela vista sua pele antes do amanhecer. Uma forma de fazer isso é encontrar onde ela escondeu sua pele, esfregar a parte de dentro com pimenta, e guarda-la no mesmo lugar. Quando a *soucouyant* a veste novamente, ela não suporta a dor e se revela como bola de fogo. A pele pode ser entendida aqui como uma metáfora para a configuração do papel de gênero social e culturalmente impressa no corpo. Sem ela, sem essa superfície fronteira visível para a comunidade, a mulher é livre para agir como quiser. Por outro lado, sem ela, não pode existir na comunidade. Seu corpo sem essa marca cultural não é inteligível, não tem significado.

Usando essa armadilha, a avó de Jacky a obrigada a deixar sua pele e se expor para tentar lhe ensinar pela última vez a importância de não ser voraz:

*We blood hot: hot for life, hot for youth. Loving does cool we down. Making life does cool we down. [...] When we lives empty, the hunger does turn to blood hunger. But it have plenty other kinds of loving, Jacky. Ain't I been telling you so? Love your work. Love people close to you. Love your life.* (HOPKINSON, 2001, p. 180).

A ideia aqui é de que a fome por sangue que traz longevidade é nociva, exacerbada, e precisa ser amenizada para que a mulher seja capaz de viver na comunidade. Isso é possível pela canalização desse desejo por outras esferas da vida, como a família e o trabalho. Em outras palavras, a função social da mulher, seu papel de mãe e seus deveres na comunidade, se propriamente realizados supririam qualquer outro desejo individual. Insatisfeita por ser incapaz de ter sua própria família, a voracidade de Jacky, que já se mostrava grande antes mesmo de sua transformação em *soucouyant*, cresce a tal ponto que ela mata o filho da própria amiga. É nesse ponto que a punição da avó se faz necessária.

Essa punição se mostra complexa por possibilitar diferentes interpretações. É possível pensar que se trata de um ato de pura violência contra a mulher que se recusa a deixar que seu corpo seja significado por práticas sexuais e gendradas socialmente impostas. Nesse sentido, a punição da avó revela a impossibilidade dessas mulheres serem totalmente livres em detrimento de seus desejos individuais e para o benefício da comunidade. Por outro lado, considerando-se a importância da mulher dentro e comunidades afrodescendentes como detentora da tradição e responsável pelo bem-estar de seus membros (como no papel das mães de santos e curandeiras, por exemplo), pode-se interpretar que a avareza de Jacky e sua mãe são realmente egoístas e inconsistentes com o papel de uma mulher negra com relação a sua comunidade. Não é o objetivo deste trabalho discutir qual dessas interpretações é a mais correta, mas sim considerar que a própria possibilidade de ambas reitera a importância de se considerar as particularidades de uma cultura da alteridade ao se analisar a literatura produzida por ela. Simplesmente condenar a atitude da personagem como controladora e patriarcal significaria ignorar as diferenças culturais entre quem analisa e a obra analisada.

Concorda-se aqui com o argumento de Gina Wisker de que “Greddy Choke Puppy” é “um conto de mulher predando mulher, mulher trazendo justiça sobre um membro teimoso de sua própria família” e que ele “faz um comentário social sobre a destrutividade mal direcionada de se buscar a beleza e a juventude eternas, baseado numa auto-imagem internalizada específica do valor da mulher”<sup>10</sup> (WISKER, 2005, p. 79-80). O que Jacky deseja, de certa forma, é esse ideal de beleza, longevidade e satisfação que ela alcança através do poder do sangue dos bebês. Através da satisfação desse desejo ela também consegue satisfação de seus desejos sexuais, já que a liberdade da *soucouyant* de “queimar” na noite simboliza uma liberdade sexual. A interrupção dessa satisfação pela avó, embora possa parecer opressiva, pode na verdade ser lida como uma reeducação dentro de valores tradicionais caribenhos, diferente dos valores capitalistas que pregam o ideal de beleza e juventude para as mulheres.

A discussão de Susan Bordo sobre a normalização dos corpos femininos pode elucidar essa ideia:

Através das disciplinas precisas e normalizantes da dieta, maquiagem e vestimenta – princípios organizacionais centrais de tempo e espaço no dia de muitas mulheres – [...] continuamos a memorizar em nossos corpos a sensação e a convicção da falta, da insuficiência, de nunca sermos boas o bastante. Nos casos mais extremos,

---

<sup>10</sup> A tale of woman preying upon woman, woman bringing justice on her own wayward family member. [It] makes a social comment about the misdirected destructiveness of seeking after eternal youth and beauty, based upon a specific internalized self-image of woman's worth.

as práticas da feminilidade podem nos levar à completa desmoralização, debilitação e morte.<sup>11</sup> (2004, p. 166)

Daí a voracidade insaciável de Jacky por sangue que leva à sua destruição. Como a disciplina e normalização do corpo feminino que se adequa a um ideal é uma estratégia poderosa de controle social, a instrução de sua avó para que ela evitasse a avareza pode ser entendida como uma atitude contra esse controle. Jacky estava usando a liberdade da *soucouyant* para o propósito errado, para ideais que não estavam de acordo com valores afro-caribenhos.

Nesse sentido, e também em concordância com Wisker (2005, p. 72), considera-se aqui que o conto de Hopkinson tem como foco a discussão da relação entre avó e neta e de seus papéis, apresentando-os como fundamentais para a construção de uma identidade feminina (ao aprender sobre seu passado, dons espirituais ou sobrenaturais e deveres para com a comunidade). É através da avó que a protagonista aprende sobre quem é e sobre os valores de sua comunidade, que diferem do que aprende dos textos acadêmicos que usa para entender as crenças e o cotidiano dessa comunidade. Se uma interpretação baseada em teorias feministas condenaria a orientação da neta pela avó como opressiva e limitadora, reforçando desse modo a coerção social, num contexto afro-caribenho ela é positiva. Aqui, portanto, têm-se argumentos para apoiar a ideia de que uma crítica feminista negra deveria se guiar por princípios diferentes daqueles do feminismo em geral, o qual é majoritariamente branco.

#### 4. Conclusão

A partir das teorias de Judith Butler e Michel Foucault sobre o corpo como construído a partir de normas e práticas sexuais (FOUCAULT, 1990) e gendradas (BUTLER, 1993; 2006), e sobre o corpo feminino como ininteligível (BUTLER, 1993), abjeto (KRISTEVA, 1982) e marcado por uma função de reprodução (BUTLER, 1993), conclui-se que a representação desse corpo em “Greedy Choke Puppy”, de Nalo Hopkinson, pode ser entendida com a relação a três aspectos.

Primeiramente, com relação à idealização do corpo feminino como objeto de desejo para os homens, entende-se que o corpo almejado pela protagonista Jacky é representado no conto por metáforas que remetem à reprodução e à fertilidade. Não está claro se tal corpo idealizado é próprio da cultura afrocaribenha ou se é um ideal puramente eurocêntrico, imposto pelos mecanismos da colonização e pela globalização. De qualquer modo, percebe-se que a perseguição de tal ideal no conto é representada como nociva, limitadora, controladora.

O segundo aspecto se relaciona à libertação desse corpo limitado através da transformação no corpo insólito da *soucouyant*. Essa figura folclórica representa justamente a falta de limite, a imaterialidade e o abjeto e, portanto, vai contra o caráter constrangedor e confinador do ideal de corpo feminino. Se por um lado a *soucouyant* representa a demonização de uma feminilidade que se recusa a exercer a função de maternidade considerada primordial para as mulheres, por outro ela também pode ser interpretada como um tipo de agência feminina criada pelo imaginário popular caribenho como alternativa a uma feminilidade idealizada.

Por fim, o terceiro aspecto se refere à violência contra o corpo feminino, representada pelo assassinado das mulheres que abusaram dessa agência possível à *soucouyant*. Mais uma vez, interpretações ambíguas são possíveis: embora a punição da avó através da destruição das mulheres *soucouyants* possa ser entendida como limitadora, ela também pode ser tida como condizente com valores afro-caribenhos que atribuem à mulher um tipo de agência ao torná-las responsáveis pela

---

<sup>11</sup> Through the exacting and normalizing disciplines of diet, make-up and dress – central organizing principles of time and space in the day of many women – [...] we continue to memorize on our bodies the feel and conviction of lack, of insufficiency, of never being good enough. At the farthest extremes, the practices of femininity may lead us to utter demoralization, debilitation, and death.

continuidade da comunidade.

Conclui-se ainda que essas diferentes possibilidades de interpretação para os aspectos da representação do corpo feminino no conto indicam a importância de se considerar as especificidades do contexto cultural das obras de escritoras afrodescendentes. As teorias feministas que servem para analisar obras de escritoras que fazem parte de culturas hegemônicas (brancas, ocidentais) não são capazes de explorar essas especificidades, de modo que um conhecimento mais aprofundado do significado de metáforas e símbolos em culturas não hegemônicas se faz necessário.

Acredita-se aqui que ao apresentar condições para interpretações tão diferentes, principalmente ao contestar a divisão clara e hierarquizada entre conhecimento acadêmico e folclore, realidade e insólito, Hopkinson não só apresenta formas alternativas de se representar o corpo feminino, mas também de interpretar a alteridade afrocaribenha.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Geographies of Places and Bodies: Revisioning Caribbean Literature Written by Women. *Aletria*, 19, Jan-Jun. 2009. p. 181-193

ANATOL, Giselle Liza. A feminist reading of *soucouyants* in Nalo Hopkinson's *Brown girl in the ring* and *Skin folk*. *Mosaic*, v. 37, n. 3, p. 33-50, setembro 2004.

BORDO, Susan. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body*. Berkeley: University of California Press, 2004.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: Theorizing the Body*. London: Routledge, 1993.

---. *Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 2006.

FOUCAULT, Michel. *The history of sexuality*. Trad. Robert Hurley. v. 1. London: Penguin, 1990.

HOPKINSON, Nalo. Greedy Choke Puppy. In: ---. *Skin folk*. New York: Warner Aspect, 2001. p. 167-182.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: an essay on abjection*. Trad. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.

SMITH, Barbara. Toward a black feminist criticism. In: LEITCH, Vincent (ed.). *The Norton anthology: theory and criticism*. New York: Norton, 2001. p. 2302-2315.

THALER, Ingrid. *Black Atlantic Speculative Fictions: Octavia E. Butler, Jewelle Gomez, and Nalo Hopkinson*. New York: Routledge, 2010.

WISKER, Gina. Your Buried Ghosts Have a Way of Tripping You up: Revisioning and Mothering in African- American and Afro-Caribbean Women's Speculative. *Femspec*, v. 6, n. 1, p. 71-86, 2005.